

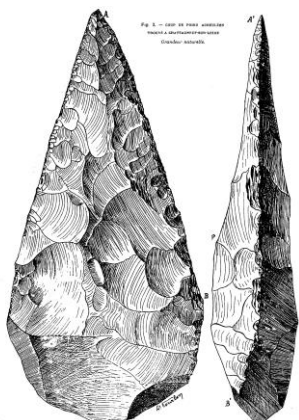
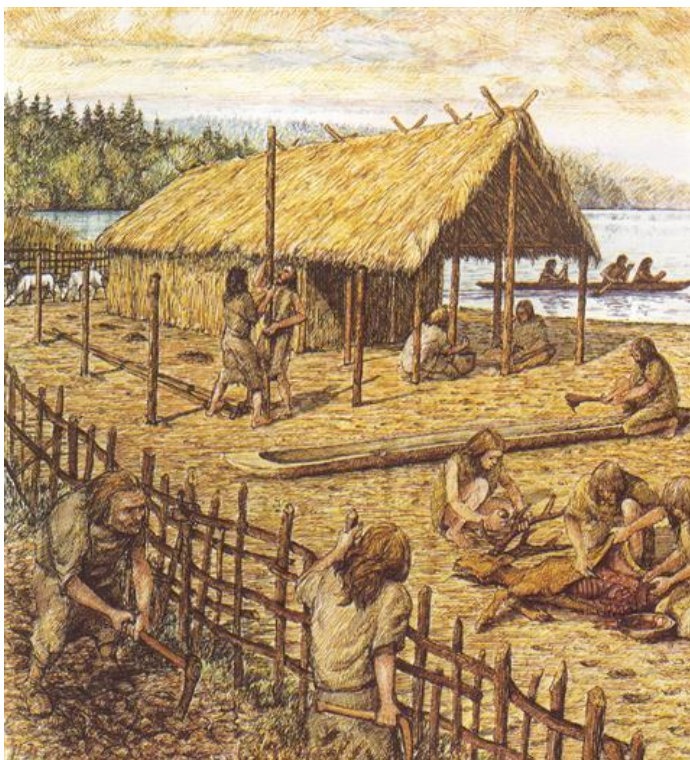


O Património Pré-histórico e os Rios

Paleolítico

A procura de vestígios documentais da presença pré-histórica, nem sempre é fácil. Evidentemente que esta pesquisa é mais fácil, à medida que as sociedades humanas se vão tornando cada vez mais desenvolvidas e recorrem ao emprego (e valorização) de materiais cada vez mais duradouros no tempo.

Hoje podem encontrar-se ossos de Hominídeos, sobretudo os maiores e mais densos, como é o caso dos que resultam de enterramentos mais cuidados, de indivíduos com maior es-



tatuto social

dentro da tribo; estes corpos, podem ter adornos e podem estar rodeados de oferendas contidas ou não em cerâmicas. Mas os núcleos nómadas do Paleolítico também deixaram outro tipo de documentos, como por exemplo, artefactos manufacturados usados como ferramentas do dia a dia: agulhas de osso ou de corno, *coup-de-poings*, pontas de seta, afiadeiras em pedra lascada ou polida, em especial os de sílex, etc...

As sepulturas e locais de devoção, que são habitualmente associados ao Megalitismo, e que

incluem Antas ou Dolmens, Menires, Tholos, Cromleques etc... localizam-se próximos das cumeadas e, como tal, afastados dos cursos de água.

Podemos imaginar a existência de um determinado local, com uma superfície pisoteada e moldada e onde uma



pendente de drenagem inteligível, rodeia um lar (construído com um amontoado de pedras dispostas em círculo no local onde se faria a fogueira) e à volta do qual existiam uns orifícios onde poderiam estar “ancorados” uns esteios, para o suporte de animais pendurados enquanto se assavam, ou poderiam mesmo ser os esteios de suporte

de “tendas” feitas com peles.



Anta grande do Paço; Montemor-o-Novo

Na sua periferia existiriam “lixeiros” onde eram despejados os ossos e peles não aproveitadas, uma ou outra alfaia, recipientes em cerâmica inteiros ou em pedaços. O seu abandono leva à sobreposição de materiais de solo que “fossilizam” a estrutura anterior e que pode vir a ser redescoberta na atualidade.

Mas estes vestígios podem ocorrer em qualquer lugar da bacia hidrográfica. Contudo, perto dos cursos de água, podemos encontrar alguns vestígios curiosos desta ocupação nómada: estes, alimentar-se-iam de bivalves de que resultariam amontoados de conchas, que depois eram disseminados em certos lugares, hoje designados por **concheiros**.

Por outro lado, a paixão pelos “metais brilhantes” levaria também à exploração de “**minas**”, na maior parte através da seleção de sedimentos, nas designadas “**lavarías**” onde se podem observar os sedimentos remexidos e transportados para outros locais.



Concheiros de Muge



Citânia de Sanfins: embasamentos das habitações com a reconstrução das coberturas

Neolítico

Mas a evolução das sociedades humanas levou à sedentarização e, com ela, à complexificação das estruturas construídas das quais podemos encontrar vestígios. Os embasamentos (ou alicerces) das construções adquirem perenidade e, mais tarde, as próprias construções também (a última parte a tornar-se duradoura foi a cobertura). De entre as diferentes construções que surgem, merecem destaque pela sua ligação à água e aos rios, as nascentes e as fontes e, posteriormente, os banhos.

Curiosamente, são as redes de **drenagem** que sofrem um desenvolvimento tecnológico maior e mais precoce do que as de abastecimento. Em qualquer pequeno aglomerado populacional, as primeiras preocupações que surgem são com a drenagem periférica das construções e, inclusive, o sobre-elevamento de alguns pisos (sobrados) para evitar o encharcamento e, conseqüente apodreci-



Coa: canalizações



Nascente do rio Vouga

mento dos *stocks* alimentares anuais. Se o aglomerado for mais complexo, surge uma rede em espinha de peixe e, eventualmente, a “canalização” (construção de canais) do efluente para o exterior, culminando nas famosas cloacas romanas, já feitas de cerâmica.

O **abastecimento** de água surge quando começam a conduzir a água para pontos de colheita (as **fontes** ou **nascentes**), fazendo confluir os caudais que dão origem a outros, permanentes e de maior dimensão, sofrendo um maior desenvolvimento quando associado às águas com características diferentes [pela qualidade, pela temperatura, pelas emanações sulfurosas (desinfetantes) ou pelos conteúdos ferrosos (águas férreas)]. Estas águas eram habitualmente conduzidas para cisternas, piscinas e banheiras, dando origem às **Termas** e aos **Banhos**.

Ocorre mesmo a sacralização destes locais com abundância de água e as saídas de água são marcadas por pedras únicas particularmente decoradas: são as estelas denominadas “**Pedras Formosas**”.



Fonte da Citânia de Sanfins .



A arte castreja (IX a. C. – I d. C.) não atingiu proporções monumentais. Os maiores edifícios são termas para banhos de vapor, com pedras decoradas («Pedras Formosas»)

Pedra Formosa .



A localização dos banhos fora de portas do Castro propriamente dito muitas vezes já perto do rio

na cumeeira das colinas para poder dominar visualmente o território ao redor.

À medida que a sedentarização sofre maior desenvolvimento, o Homem reconhece a carência de água como fator limitante à maior produtividade dos solos férteis e assim inventa a “**rega**” e com ela, as conduções de água de nível - **as levadas** – e as condutas em forma “telescópica” dos regos para

Evidentemente que, desconhecendo-se as formas de elevar a água, estas construções situavam-se sempre mais próximas do curso de água propriamente dito e é interessante ver-se como muitas vezes se situam fora das muralhas da citânia, enquanto o aglomerado populacional (mais seguro) se localizava na cumeeira das

rega dos tabuleiros. Para a colheita da água e desvio para as levadas são construídas as primeiras **represas** ou **barragens**.

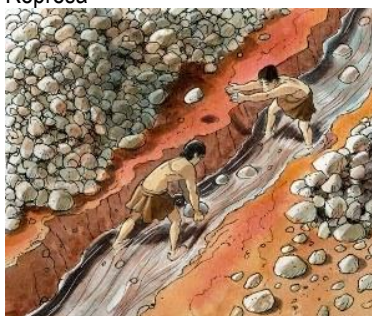
Os rios que são importantes vias de comunicação também funcionam de fronteiras e para os vencer começam a ser construídas as primeiras **poldras** e **pontes**.

Finalmente, a reduzida eficiência dos moinhos de mão, em pedra, e o entendimento da energia contida nos cursos de água leva ao surgir dos primeiros **moinhos de água** ou **aze-nhas**...

As lavarias de extração de minérios também se vão complexificando tornando-se verdadeiros espaços industriais, onde a acumulação dos escombros chega, por vezes, a ser desviada da proximidade do curso de água recorrendo a mão-de-obra escrava. São disso exemplo os montes de seixos rolados conhecidos por **conheiras**.



Represa



Remoção dos conhos e joeirar do ouro



Ponte



Poldra



Moinho de mão



Azenha



Observando os aluviões depositados nas margens dos grandes rios é possível encontrar vestígios da ocupação humana. Esse é um trabalho dos arqueólogos.

Com recurso a materiais que aí possamos recolher, será que conseguiríamos “construir” ferramentas pré-históricas em pedra polida ou em pedra lascada ?

Vamos experimentar?